

CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ELEMENTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

AFRICAN CONTRIBUTIONS IN THE CONSTITUTION OF BRAZILIAN PORTUGUESE: LINGUISTIC AND CULTURAL ELEMENTS

Roberta Pires de OLIVEIRA (UNB)

RESUMO: Este trabalho tem a finalidade de investigar a contribuição africana e afrodescendente na constituição do Português Brasileiro e identificar o campo no qual ela é mais expressiva. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa documental e de campo em que foram utilizadas referências bibliográficas das mais diversas áreas para atingir este objetivo. Enriqueceu este trabalho obras como “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro (1995), “Os africanos no Brasil” de Nina Rodrigues (2010), “O Português no Brasil” de Antônio Houaiss (1992), “O português da gente” de Ilari e Basso (2006), entre outros. As considerações finais que se obteve neste trabalho são as de que tanto no campo linguístico quanto no cultural, (i) a contribuição africana é elemento fundamental para a compreensão dos fenômenos variacionistas que caracterizam o português brasileiro como uma língua criada na efervescência do contato entre línguas e culturas que se encontraram e se fundiram nesse país continental; (ii) e os falantes cultos atuais do Português Brasileiro estão aos poucos perdendo a noção da formação de sua língua nativa e da expressiva e rica contribuição que nos legaram os primeiros africanos e toda sua descendência em solo brasileiro, sendo portanto, fundamental que novos estudos sociohistóricos e sociolinguísticos surjam nessa área.

PALAVRAS-CHAVE: Português Brasileiro. Sociohistória. Fenômenos Variacionistas.

Introdução

Tudo começou no Brasil em 1500 - o início de uma nova civilização. A terra avistada e habitada por índios começa a receber novos habitantes. No navio, portugueses e as tentativas de comunicação.

Após 50 anos da descoberta deste novo mundo e com o começo da escassez de mão de obra indígena, começou a comercialização dos escravos para o continente sul americano, o que já era lucrativo no continente europeu passou a ser lucrativo para a nova Colônia, o Brasil. A partir desse momento encontraram-se três diferentes culturas na nova terra: os índios, os portugueses e os negros de diversas partes da África.

Especialistas na história linguística do Brasil apontam que no início da colonização as línguas indígenas chegavam a cerca de 360 a 1.175 até 1.500 línguas (Mattos cita Rodrigues (1986) e Houaiss (1985)). Estudo feito por Aryon Dall'Igna em 2013, indica que existem apenas cerca de 199 línguas indígenas no Brasil.

As primeiras línguas indígenas que entraram em contato com os portugueses foram o Tupi-Guaraní, Tupinambá, Tupiniquim e o Tamoio, mas foi com o Tupi-

Guaraní que os falantes do português entraram em contato imediato no processo de colonização.

No conteúdo histórico de Mattos e Silva (2004), a institucionalização do tráfico de escravos em meados do século XVI com duração até o século XIX, fez com que o número de escravos trazidos para o Brasil ficasse entre 4 a 14 milhões, trazendo com eles de 200 a 300 línguas africanas (Émile Bonvini e Margarida Petter, 1998). Mesmo com essa grande quantidade de pessoas a propagação das línguas africanas não obteve sucesso, pois os grupos étnicos culturais eram separados para evitar reações de revolta aos comerciantes de escravos. A grande maioria desses povos era da família sul-equatorial Banto e em seguida das línguas Benuê-kwa, do Oeste africano.

Nos estudos de Nina Rodrigues (2010), o autor cita Visconde de Porto Seguro, afirmando que os povos que mais entravam na Bahia, advindos do Congo, de Moçambique e da Costa da Mina em decorrência da facilidade de navegação, e com a proximidade cultural de sua língua nativa Nagô, eram os que menos aprendiam o Português.

Com a miscigenação dos povos as línguas indígenas e africanas agregaram muitas influências à língua portuguesa brasileira, centrado nos aspectos lexicais que agregaram na distinção do Português Brasileiro (PB) para o Português Europeu (PE). Na língua indígena, generalizando o Tupi como “indigenismos”, e na africana a língua Banto como a de maior influência de empréstimos lexicais e morfológicos integrados ao português.

Após 517 anos da chegada de mais de 4 milhões de africanos ao Brasil, abordaremos neste trabalho quais as contribuições que tivemos da língua africana na formação da língua portuguesa brasileira, e quais aspectos permanecem em nosso dia-a-dia. Este estudo tem, assim, o objetivo de investigar e identificar, em obras produzidas, as contribuições africanas que foram registradas no léxico, na gramática e na pragmática.

Em linhas gerais, este é um trabalho de natureza exploratória, que pretende oferecer um panorama do cenário de contribuições registrados em estudos antigos e contemporâneos, todavia a contribuição atual espera acrescentar alguns elementos e contribuir para a discussão sobre a extensão e a influência da contribuição dos africanos e seus descendentes no Português Brasileiro. Ao final será feita uma breve pesquisa de opinião com a finalidade de saber se os entrevistados têm o conhecimento da quantidade de influências africanas que carregamos em nosso cotidiano.

A questão de pesquisa deste trabalho é: como a contribuição africana pode ser sentida no Português Brasileiro? Em que campo ela é mais expressiva? Por quê? Como é avaliada?

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva e exploratória, com coleta de dados bibliográficos e de entrevista de opinião com pessoas de diferentes níveis de escolaridade. Este tema pode ser estudado tanto na área Crioulística como na Sociolinguística, todavia, será concentrado nesta última corrente.

Esse estudo insere-se no campo da pesquisa variacionista que, na definição de Fonseca (2002, p. 20)², centra-se na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera-se que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Para compreender o contexto da Sociolinguística, área em que se insere o tema estudado, seguiremos com os estudos de Alkmin (2003). Essa autora cita que Saussure (1916) divide o campo linguístico entre Linguística Interna e Linguística Externa, dicotomia que dividirá de maneira permanente o campo dos estudos linguísticos contemporâneos em orientações formais e orientações contextuais, sendo esta última fragmentada em interdisciplinas como a Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística etc.

Bright (1966) estabelece um roteiro para as atividades de pesquisa a serem desenvolvidas na Sociolinguística, como a identidade social do emissor ou falante; identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto social; e o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.

Para enriquecer a definição da Sociolinguística, Alkmin cita autores como Bachmann (1981), Hymes (1962) e Labov, que observam que a Sociolinguística floresceu no momento em que o formalismo da gramática de Chomsky alcançou grande repercussão. Com isso constataram que de um lado havia a preocupação com as relações entre linguagem e sociedade, que tinham raízes históricas no contexto acadêmico norte-americano; e por outro, a consideração do contexto social é posta com grande vitalidade no campo dos estudos linguísticos. Com a Sociolinguística surgem pesquisas voltadas para as minorias linguísticas, e para a questão do insucesso escolar de crianças oriundas de grupos sociais desfavorecidos (negros e imigrantes).

Alkmin (2003) define a Sociolinguística como o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Como ponto de partida, a comunidade linguística, conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação é existência de diversidade ou variação do emprego de diferentes modos de falar. A essas diferenças é dado o nome de variedades linguísticas, que por sua vez o conjunto de variedades é chamado de repertório verbal.

Partindo da definição da Sociolinguística, o presente trabalho será realizado com a coleta de dados feita por meio do levantamento de obras como “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro, “Os africanos no Brasil” de Nina Rodrigues, “Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma perspectiva Crioulística” de Ulisete Rodrigues, “O Português no Brasil” de Antônio Houaiss, “O português da gente” de Ilari e Basso, “Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro” de Mattos e Silva, “A relevância dos processos de pidginização e crioulição na formação da língua portuguesa no Brasil” de Baxter e Lucchesi, “A concordância de gênero no falar cuiabano: A trajetória de uma mudança linguística em curso” de Rachel Dettoni, “A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?” de Taddoni entre outros. Nesses autores, iremos coletar dados em livros, artigos e documentários, onde estão os elementos só de língua e os elementos culturais, sendo que de língua será coletado tanto a questão gramatical quanto a lexical, e na parte cultural será explicada a parte sociohistórica e a parte cultural; a pragmática será observada apenas em relação a algumas atitudes comportamentais e traços culturais.

Pressupostos Teóricos

Como base para a sociohistória deste trabalho, utilizaremos o texto de Mattos e Silva (2004), *Ensaio para uma sociohistória do Português Brasileiro*. A autora

buscou neste trabalho traçar uma pauta sintética de alguns dos trajetos de encontros e desencontros linguísticos no Brasil.

No texto de Mattos e Silva são observados os fatores sociohistóricos condicionantes na formação do PB, que para a autora tem a tentativa de compreender e explicitar a diferenciação do Português no Brasil em relação ao Português da Europa, dentre outros fatores, a sua complexidade em diversos contextos de interação linguística em solo brasileiro, na heterogeneidade de suas variantes regionais e sociais.

Para a autora, o predomínio do Português como língua de colônia/ majoritária a partir do século XVIII, torna o Brasil um país multilíngue, considerando a relação das línguas indígenas que chegava a cerca de mil idiomas, e as línguas africanas chegando a 300 idiomas.

No primeiro tópico sobre a demografia histórica do Brasil do século XVI ao XIX, a autora cita o estudo de Serafim da Silva Neto em que apresenta a primeira estimativa demográfica, chamado censo do Pe. José de Anchieta (1950[1575]:21)7 em que a população existente no Brasil seria de 57.000 habitantes, nas últimas décadas do século XVI. Nesse censo, somando índios e negros, tem-se 32.000 não-europeus, a maioria.

Seguindo com os dados, a autora afirma que os africanos e afrodescendentes estão no patamar de 60% da população do Brasil entre os séculos XVII ao XIX; tiveram que abdicar de suas línguas de origem e tiveram que aprender num processo de transmissão linguística irregular – na designação da crioulistica atual – a língua da colonização. Para Mattos, foi essa multidão sem voz que deu forma ao português geral brasileiro.

Trazendo uma perspectiva geral, Ataliba T. de Castilho (s/d) cita que variados linguistas que seguem essa linha estudaram os processos de contatos linguísticos dos portugueses com os índios e os negros, e com isso, descobriram que há duas fases de contato, a primeira fase é a Pidgin, e a segunda a fase é o Crioulo.

Para os interesses comerciais, as pessoas precisariam de uma língua de emergência para se comunicarem, com isso, nasceu o Pidgin, usada apenas para interesses comerciais. Essa palavra, segundo alguns autores, é uma alteração do Inglês *business*, “negócio”.

Após a fase de contato inicial, caso as relações comerciais se firmassem, a língua passaria para uma fase mais avançada, a do Crioulo. Castilho (s/d) define como adaptação de uma língua europeia por falantes de outras línguas, em geral africanas e asiáticas, com as quais os europeus entraram em contato por interesse mercantil.

Serafim da Silva Neto também entra nas citações do autor (RIBEIRO,1889), para ele a base crioula explicaria as diferenças entre o PB e o PE. Para ele, essa base introduziu inovações no PB ao passo que, num movimento inverso, os falares rurais manifestaram uma tendência conservadora.

Para discordar de todas essas hipóteses, o autor cita Tarallo (1986) que acredita que o processo de mudança do PB não se aproxima do PE. Pois, para ele, se tivéssemos tido um crioulo no Brasil, a europeização do país ocorrida no séc. XIX teria desencadeado um processo de descrioulização, e hoje estaríamos falando como portugueses – o que vem acontecendo em algumas ex-colônias africanas.

E como exemplo de uma visão internacional, o autor cita Gregory Guy (1981), sustenta que nossa língua tem uma base africana. Castilho menciona que, no trabalho de Guy, esse autor exclui a possibilidade de um crioulo indígena, visto que os nativos brasileiros não desenvolveram com os portugueses o tipo de relacionamento social e de situações que costumam levar à crioulistica. Ele

estabelece um plano cuidadoso para examinar a hipótese crioulista, o qual se desdobra em duas ordens de discussão: a busca de evidências linguísticas, e a história social da crioulistização do Português.

Castilho define que, sendo o Crioulo uma língua de contato, ele vai guardar as marcas típicas de aquisição de uma segunda língua: regularização da flexão (...).

Em síntese, para o autor o Português Popular Brasileiro seria um vestígio da fase crioula. E, se é verdade que a língua escrita nos aproxima de Portugal, a língua falada aponta para outros rumos.

Outros estudos crioulistas foram retomados na década de 90 com o Professor Hildo Honório do Couto, Alan Baxter e Dante Lucchesi, que redefiniram o crioulo.

Do ponto de vista estrutural, eles mostraram que os linguistas começaram a partir da década de 60 a reiterar o fato de que as línguas crioulas apresentavam semelhanças estruturais muito fortes em relação às línguas envolvidas em sua formação. [cf. CASTILHO, 2000].

Esses autores aplicam tal quadro teórico ao estudo do crioulo de Helvécia, Bahia.

Outras obras encontradas que apresentam comunidades com traços de africanismos ou crioulistantes são: Remanescentes de um falar crioulo brasileiro Helvécia-Bahia de Carlota Ferreira, Cafundó de Margarida Taddoni Petter e Mato Grossense de Ulisdete.

A comunidade afro-brasileira do Cafundó fica localizada no bairro rural da cidade de Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo. Essa cidade foi estudo constante de antropólogos e linguistas entre as décadas de 70 e 80. A descoberta dos descendentes de africanos que mantinham o dialeto de base Banto provocou discussões sobre a permanência de línguas africanas como fator de crioulistização do PB.

Porém, viu-se que o dialeto na verdade era mais próximo do caipira [cf. Amaral 1950], mas, também, Couto (1992) conclui que a linguagem do Cafundó é um anticrioulo, assim como o dialeto de São João da Chapada e os Calunga de Goiás e a língua de Mina em Minas Gerais.

O estudo sobre a Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma Perspectiva Crioulista de Souza (1999) constituiu em uma primeira tentativa de descrição e análise da fonologia do português mato-grossense, na perspectiva crioulista, visando inserir essa variedade no debate a respeito da (não) crioulistização do português no Brasil.

Os dados para essa pesquisa foram obtidos a partir de fontes variadas, que vão desde a recordação de termos ouvidos e guardados na memória do pesquisador, provenientes da família e de amigos, até a pesquisas bibliográficas e de campo. Sendo as fontes bibliográficas determinantes, por ser o Mato Grosso um estado muito grande, e por receber imigrantes de várias partes do país e a pesquisa de campo realizada com dois informantes maiores de setenta anos e a naturalidade mato-grossense.

Buscou-se confirmar nesse estudo a necessidade de se observar, além da estrutura linguística, os movimentos históricos e as interações sociais para definir se houve ou não crioulistização numa determinada língua.

Conceitos Básicos da Sociolinguística e da Crioulista

Para o conhecimento básico do conceito da Sociolinguística, Alkmin (2003, p.31) diz que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Dando continuidade de maneira simples e direta, Alkmin afirma que o ponto de partida da sociolinguística é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Rodrigues (2016) define a Sociolinguística como sendo a área que estuda a língua real em uso em determinada sociedade. Ela estuda variação, mudança, contato, surgimento e extinção de línguas, multilinguismo, atitudes e políticas linguísticas entre outros temas.

Variação e Mudança

Para Rodrigues (2016), dá-se o nome de Variação a gama de possibilidades que a língua realiza na sua habilidade de se transformar e ser transformada ao longo dos tempos, a cada novo momento, a cada novo interesse de representar ou significar o mundo, a cada nova geração.

A autora cita que a teoria da Variação prevê formas em competição, chamadas variantes. Seus fatores condicionantes podem ser linguísticas/estruturais ou extralinguísticas sociais. As variáveis linguísticas encontram-se no léxico, na fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. As extralinguísticas compreendem origem idade, sexo, classe, escolaridade, profissão, formalismo ou não do discurso, entre outros.

Baseando-se na teoria de Benveniste, para a autora Variação Linguística é propriedade inerente às línguas naturais, uma vez que todas as línguas do mundo irão apresentar algum grau de variação. Assim, acredita-se que a variação seja tal qual a própria língua e a sociedade.

Norma e Preconceito

Para variados autores, dá-se o termo norma-padrão para relacionar o grande sistema que era a língua com a fala. Para as variações individuais teria de surgir uma norma, algo que fosse além do indivíduo e da grande coletividade, sendo as escolhas dos grupos, normalmente os de mais prestígio, o que era habitual para estes como a forma correta da língua.

Marcos Bagno (2000) mostra em seu estudo que diante das multiplicidades de línguas e de variedades linguísticas presentes na maioria dos países, foi necessário uma norma-padrão, uma seleção, na qual esta se baseava sobre a variedade linguística do centro do poder, na zona mais influente e mais rica economicamente. As escolhas da norma padrão foram feitas somente por critérios políticos e ideológicos “quem está no poder vai querer impor o seu modo de falar a todo o resto da população”.

Sobre as observações do autor, podemos concluir que toda essa seleção torna-se um instrumento de dominação e exclusão, sendo todos os outros tipos de línguas e variações linguísticas— que sempre atingem a maioria da população— consideradas como a forma incorreta da língua.

Para melhor entendermos as diferenças entre o certo e o errado que causam o preconceito linguístico, Bagno apresenta dois conceitos, o primeiro são os traços descontínuos e o segundo são os traços graduais.

Os traços descontínuos, são determinadas características que se restringem à língua falada por pessoas que estão na base da pirâmide das classes sociais, formas de falar a língua que não avançam até o topo da pirâmide e, justamente por isso, recebem a maior carga de rejeição e preconceito da parte dos falantes que não utilizam essas regras.

Os traços graduais representam formas de uso da língua que estão presentes na forma de todos os brasileiros, desde os mais pobres e analfabetos até os mais ricos e altamente escolarizados. A principal diferença é o grau de frequência com que essas regras são empregadas. Em geral estão nas falas menos monitorada das pessoas de classes sociais privilegiadas ou em contextos linguísticos específicos que favorecem seu uso.

Sobre a Crioulística, Couto (1996) distingue como o estudo da história das línguas Crioulas e Pidgins. O autor destaca que apesar de o maior número de crioulos do mundo ser de base inglesa e francesa, o primeiro autor a propor princípios gerais para a formação dessas línguas foi Francisco Adolfo Coelho. Hoje em dia, a maior parte da crioulística é promovida por autores de língua inglesa, francesa e por último, a língua alemã.

Denominando-se a Crioulística como a área que estuda o processo de criouliização das línguas, Pidgins e Crioulos são objetos clássicos por constituírem referencial básico para o estudo de qualquer língua ou variedade, como por exemplo: Semicrioulo, Anticrioulo, Língua Geral etc.

A Criouliização é entendida como processo variável de aquisição (ou criação), determinado principalmente pelas variáveis da demografia e da estrutura social, além dos modelos disponíveis no substrato e no superstrato, que pode acontecer com maior ou menos intensidade, dependendo dos efeitos de todas as variáveis mencionadas, os seus resultados podem ser mais ou menos radicais, de acordo com o contexto envolvido (Baxter, 1998:110).

Para Couto há duas contribuições da Crioulística para a Sociolinguística, a primeira é a de ter salientado a importância da história da língua, e a segunda, a ênfase na heterogeneidade dos sistemas linguísticos, contrariamente tanto ao sistema compacto social de Saussure quanto ao individual de Chomsky.

Pidgin e Crioulos

O Pidgin, na definição de Souza (1999), é um tipo de língua reduzida, que resulta do extenso contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis. É meio precário de intercompreensão, numa situação de multilinguismo. Modo de comunicação pragmático, que supre a falta de uma gramática comunitariamente aceita, o pidgin não é língua materna de alguém. Por parte de seus usuários, é uma língua que facilmente eles abandonam. É somente uma língua de contato

Ainda em Souza, tem-se que a situação em que surge o pidgin é organizado em sociedade de estratificação social, em quem manda e quem obedece. Normalmente, os falantes da língua de substrato acabam por incorporar palavras da língua do superstrato, não obstante o significado, a forma e uso dessas palavras poderem ser influenciados pela língua do substrato.

Essa forma de cooperação entre dominantes e dominados acaba criando determinada língua para atender a necessidades comunicacionais mínimas. Pigin é, portanto, língua simplificada pela queda do que é desnecessário e reduzida em número de palavras, mas compensada pela extensão de sentidos (homonímia) e pelo uso de circunlocações.

A Formação do PB

Rodolfo Ilari e Renato Basso (2009) contam sobre a formação do PB como uma história de multilinguismo. Segundo eles, vários especialistas dizem que por ocasião do descobrimento, havia no Brasil uma população nativa estimada em seis milhões

de indígenas que falavam cerca de 340 línguas. E por tanto, o multilinguismo já existia no continente sul americano antes da colonização. Após a colonização e durante muito tempo, os indígenas foram predominantes na população rural.

Para conseguir o domínio sobre os nativos, foi necessário que os portugueses aprendessem uma língua geral para se comunicarem e sobreviverem.

Uma das observações dos autores é que apesar da variedade de línguas indígenas presentes, a criação de “línguas gerais” era facilitada, no Brasil, pelo fato de que as línguas nativas da costa, pertencentes em sua maioria ao tronco Tupi, apresentavam uma uniformidade, e foi a partir dessa língua que se formaram as línguas gerais brasileiras.

Alguns anos mais tarde, com a chegada de milhões de africanos ao Brasil, falantes de línguas pertencentes ao tronco Níger-congo e que foram predominantes na população urbana, foi mais uma vez necessário uma língua geral para a comunicação.

Ainda para os autores, as línguas africanas foram de contribuição fundamental na história do PB.

Com a intensificação do tráfico, os portugueses começaram a separar os africanos provenientes de mesma etnia/mesma língua para diferentes regiões, a ideia era de descaracterizar culturalmente o escravo, tornando-o mais fraco diante dos traficantes e dos futuros senhores. Segundo os autores, essa prática dificultou o aparecimento no Brasil de comunidades negras com uma base étnica e linguística comum, e fez com que a preservação das raízes só fosse efetiva em regiões de grande concentração de afro-descendentes – caso da Bahia e geralmente do Nordeste.

Estudos envolvendo traços pragmáticos

Darcy Ribeiro (1995) apresenta a cultura brasileira como uma variante da tradição civilizatória europeia, diferenciada pelos coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos.

O autor apresenta a evolução cultural dos povos Tupi que foram os primeiros a darem o passo para a revolução agrícola, fazendo eles próprios o caminho, junto com outros povos da floresta tropical, domesticando plantas para o mantimento de seus roçados.

Para o autor, o negro teve grande importância, tanto por sua presença como por sua massa trabalhadora que produziu tudo o que se fez por sua inserção a essa nova terra, de uma forma que marcou a raça e a cultura brasileira.

Apesar das circunstâncias adversas, os africanos deram um passo adiante aos outros povoadores ao aprenderem o português com que os capatazes lhes gritavam e que, mais tarde, o refizeram e utilizaram para comunicar-se entre si. Com isso, acabaram conseguindo aporuguesar o Brasil, emprestando singularidade ao PB, e além de influenciar de várias maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram que foram o Nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país, possibilitaram sua difusão por todo o território, uma vez que nas outras áreas só se falava a língua dos índios, o Tupi-Guarani.

Ainda hoje essas populações do Nordeste guardam a feição africana na cor da pele, nos grossos lábios e nos “narigões fornidos”, bem como em cadências e ritmos e nos sentimentos especiais de cor e de gosto.

Os negros, que eram a figura perfeita para desempenhar as tarefas mais pesadas na divisão de trabalho do engenho ou da mina, foram, por excelência, os agentes da

europização que difundiram a língua portuguesa europeia aos escravos recém-chegados e, também, as técnicas de trabalho.

Mas, mesmo com os ensinamentos da cultura europeia, os africanos trouxeram dentro de si sua herança africana, como a religião e sua cultura, principalmente as rítmicas/musicais, e também seus gostos culinários.

A partir de determinado momento, o negro rural foi para as favelas. Com sua base cultural veio a estrutura do que é hoje o nosso Carnaval, o culto a lemanjá, a capoeira e inúmeras manifestações culturais, como também, a Música Popular Brasileira e o futebol. Os negros estão, assim como os índios, como os componentes mais criativos que mais singularizam o povo brasileiro.

O resultado do processo de deculturação das matrizes formadoras do povo brasileiro -empobrecido em relação a seus ancestrais europeus, africanos e indígenas- deu-se na construção de um homem mais receptivo às inovações do progresso, diferente de todos os homens europeus, índios e negros tradicionais.

Consciência das Contribuições – Conclusão.

As pessoas entrevistadas representam diversas áreas, como: Administração, Ciências Sociais, História, Pedagogia, alunos do curso de Letras, entre outros. Em sua maioria, são alunos egressos da Universidade de Brasília.

A finalidade desta pesquisa foi saber identificar se os falantes cultos da língua portuguesa brasileira possuem conhecimento de como foi formada sua língua nativa e se conheciam algumas contribuições linguísticas e culturais para citar à pesquisadora.

Confirmou-se que a parte africana e afrodescendente acaba sendo menos entendida e absorvida como realidade constituinte de nosso DNA linguístico e cultural. Embora não tenhamos discutido questões de crioulição, conseguimos fazer um somatório de olhares sobre a língua e trazer um olhar atualizado das pessoas de hoje. As entrevistas permitem ver que as pessoas não estão tendo completa noção de como foi a formação de sua língua nativa. Elas desconhecem muito da contraparte linguística que compõe a contribuição africana do Português falado no Brasil; apenas lembram-se dos aspectos culturais dessa contribuição.

Por mais que tenhamos tido bastante influências africanas, pela quantidade de negros que vieram para o Brasil, muito do seu vocabulário não permaneceu nos registros formais da comunidade brasileira, os que mais estão presentes na atualidade são os relacionados à religião e a culinária. Temos muitas contribuições na oralidade com a nossa fala mais aberta o que nos diferencia da formalidade do PE.

Isso indica que é necessário realizar um trabalho onde os estudantes saibam desde os primórdios do PB quais foram as línguas que influenciaram na formação do nosso vocabulário, para que essas contribuições deixem de ser invisíveis somente pelo fato de as pessoas não saberem identificá-las.

A influência africana no Português Brasileiro dá-se, principalmente, na forma de falar, ao simplificar as palavras, por exemplo, palavra fulô (consoante-vogal, consoante-vogal), destravando as sílabas, dando outro ritmo, por exemplo, “voar” que perde-se o ‘r’ e fica “voá” (consoante-vogal, vogal) vogal sozinha sendo uma sílaba complexa.

Infelizmente, esse fato é desconhecido pela maioria dos entrevistados; muitos sabem que existem influências, porém, não sabem identificá-las. Ainda, compreende-se que a parte vocabular-lexical, realmente, tende a ser menos

conhecida, pois eram vocábulos de base portuguesa que firmavam no PB por ser o Português a Língua de Superstrato, a língua do poder.

As pessoas só recordam das influências relacionadas à dança e à religião, mas não se lembram de que a mais importante contribuição africana foi transformar a sua gramática na nossa brasileira. O Português passou pela transformação dos primeiros africanos e outros que chegaram depois para ser modificado. Eles tiveram que reaprender a falar e a ressignificar palavras com sua gramática natal interiorizada, o que acabou influenciando na forma de falarem o português.

Entre as influências pragmáticas, as respostas das entrevistas atestam que a evidência africana mais forte está na nossa forma de dançar e na forma carinhosa de nos relacionarmos com as pessoas. E que a contribuição africana faz-se sentir desde sempre, mas as pessoas acabaram perdendo essa memória. Logo, mais estudos que abordem a história são fundamentais desde o início dos estudos históricos até a universidade.

Isso, além de favorecer o conhecimento de todos e de fazer com que tenhamos essa visão ampla da nossa língua e o orgulho dessa contribuição africana, fará com que os preconceitos linguísticos diminuam, porque é proporcionalmente maior a aceitação e o entendimento quando a pessoa tem esse conhecimento. Em linhas gerais, de fato, a boa educação sana essa má concepção que se tem sobre a língua, de que toda produção linguística precisa ser, necessariamente, de acordo com a gramática tradicional.

Então, sabendo-se que a nossa história é desta maneira, tão diferente, colorida, multifacetada e gramaticalmente heterogênea, é natural que não tenhamos preconceitos e que a escola se esforce cada vez mais para ser o lugar onde as pessoas vão aprender diferentes estilos de fala e escrita, assim, compreender a psicologia da nossa língua, que é composta hoje, em grande parte, pela contribuição humana, linguística, pragmática e emocional africana e afrodescendente.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. **Sociolinguística**. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 1/ Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) - 3.cd. - São Paulo Cortez, 2003.
- BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. **A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil**. Revista de Estudos linguísticos e Literários, nº 29/ março 1997, UFBA.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A hora e a vez do português brasileiro**. (USP, CNPq) Museu da Língua Portuguesa Estação da luz. (s/d).
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero no falar cuiabano: A trajetória de uma mudança linguística em curso**. In: Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 48ª edição. Pernambuco-Brasil. Global Editora, 2003.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo. Atlas, 2002
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Editora Revan, 1992.
- ILARI, Rodolfo. Basso, Renato. **O português da gente**. Editora Contexto, 2006.
- LUCCHESI, Dante. **Parâmetros Sociolinguísticos do português Brasileiro**. Universidade Federal da Bahia/ CNPq. Revista ABRALIN, v.5, n.1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.
- MATTOS e SILVA, R. Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo. Companhia das letras, 1995.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.
- RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- SCHERRE, M. Marta; NARO Anthony. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- SOUZA RODRIGUES, Ulisete R. de. Tese de Mestrado **Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma Perspectiva Criolística**. Brasília, 1999.

TADDONI PETER, M. Margarida. A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo? In: ZIMMERMANN, Klaus. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Vervuet: Iberoamericana, 1999.